

A filosofia no cinema: o uso pedagógico da arte na produção de um material didático para o ensino de filosofia

Marcos Fábio Alexandre Nicolau⁶⁷

Resumo

O programa de extensão “O pensamento em devir: A filosofia no cinema” pretende apresentar a relevância do uso de recursos didáticos em uma perspectiva interdisciplinar para o ensino de filosofia, e como o mesmo pode ser um instrumento efetivo na comunicação das mesmas por parte dos formandos dos cursos de licenciatura e dos professores que atuam nessa área.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia; Recurso Didático; Arte.

Resumen

El programa de extensión “El pensamiento en devenir: Filosofía en el cine” tiene la intención de presentar la importancia de la utilización de los recursos didáticos en una perspectiva interdisciplinar para la enseñanza de la filosofía, y cómo puede ser una herramienta eficaz para la comunicación de la misma por egresados de licenciatura y maestros que trabajan en esta área.

Palabras-clave: Enseñanza de la Filosofía; Recurso Didático; Arte.

1. Introdução

Compreendemos que a filosofia e a arte são indispensáveis ao processo de formação humana. Isso já fora ratificado quando o ensino da Arte fora tornado obrigatório no Brasil em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional – Lei 5692/71, e mantido na elaboração de nova Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional – Lei 9.394/96, também chamada Lei Darcy Ribeiro, que manteve a obrigatoriedade da Arte na educação básica ao afirmar que: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (artigo 26, § 2º).

Da mesma forma, a partir da lei nº 11684 de 02 de julho de 2008, que altera o art. 36 da Lei 9394/96, estabeleceram-se novas diretrizes e bases para a educação nacional que incluem a Filosofia – e a Sociologia – como disciplina obrigatória em todos os anos do ensino médio. Esta lei referenda o parecer 38/2006, elaborado conjuntamente pelo Conselho Nacional de Educação e pela Câmara de Educação

⁶⁷ Doutor em Educação FAGED/UFC. Bolsista Produtividade em Pesquisa BPI/FUNCAP. Professor dos Cursos de Graduação e Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Sobral, Ceará, Brasil. E-mail: marcosmcj@yahoo.com.br..

Básica, cuja avaliação já propunha a instituição da obrigatoriedade da filosofia na grade curricular do ensino médio de todas as escolas do território nacional. Este parecer propunha a alteração da Resolução 03/98 do Conselho Nacional de Educação/Câmara da Educação Básica que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio.

A necessidade da reflexão filosófica e da apreciação e criação artística na escola é correlata aos benefícios que tais saberes oferecem aos alunos: a oportunidade de desenvolver um pensamento crítico, autônomo, criativo e livre. Porém, os professores possuem uma preocupação legítima quando questionam pela melhor forma de apresentar Filosofia a seus alunos. Pois, como introduzir esse aluno em tal perspectiva se os mesmos não tem ainda condições de ver sua relevância para a vida? É óbvio que não deve o professor acreditar que encontrará no aluno o interesse inato pela Filosofia, ele deve ser criado, cultivado e motivado pela comunidade escolar. Somente com a priorização de práticas que favoreçam a comunicação da filosofia de modo didático e atual, podem as mesmas ser capazes de desenvolver no aluno o impulso necessário à reflexão crítica e a criação artística, tão necessárias a formação cultural e cidadã.

Na defesa desses ideais, somos auxiliados pelo que a Filosofia é em si mesma, ou seja, uma busca pelo sentido. A vida de todo ser humano está vinculada a uma série de relações sociais, políticas, econômicas, afetivas e, inclusive, ambientais, tornando-se um dos objetos fundamentais da reflexão filosófica a compreensão da existência humana. Frente à questão filosófica “Qual o sentido da vida?” – pergunta filosófica por excelência –, a sétima arte propôs-se a ser uma expressão dessa vida, que de forma criativa e pujante convida-nos a pensar sobre sentido da mesma.

Essas relações do homem consigo mesmo, com os outros e com o meio em que vive foram sublimemente expressas através do cinema. As obras cinematográficas conseguiram expressar a vida humana em sua riqueza de relações. Já a filosofia por sua vez, em seus mais de 2600 anos de existência, configura-se como o local em que essas relações foram problematizadas e analisadas de forma mais profunda e desinteressada. Suas reflexões, suas teorias, seus problemas e sistemas, proporcionaram a humanidade elementos essenciais na busca de si mesma. Por isso, elaboramos o projeto de extensão “O pensamento em devir: a filosofia no cinema” como uma proposta interdisciplinar entre esses campos, visando fornecer um consistente suporte didático aos professores de filosofia no ensino básico – ensinamentos fundamental e médio. Enquanto ação interdisciplinar, cremos que a arte pode fornecer o suporte estético e especulativo que a

filosofia precisa para adentrar o mundo de nossos alunos, por sua vez a filosofia pode fornecer a atitude crítica e problematizadora que o estudo das artes pressupõe, pois tal atitude é necessária para o desenvolvimento da capacidade criativa dos alunos.

2. Uma demanda didática

Para nossa satisfação, podemos nos envolver com tais problemas, ou seja, pensar a melhor forma de realizar o ensino de filosofia nos currículos da educação básica – ensinos fundamental e médio –, é um fato a ser bastante comemorado no meio universitário, pois fora resultado de anos de mobilização acadêmica e política. Com tal vitória, sobreveio uma urgente demanda de formação de professores de filosofia, que impôs aos cursos de licenciatura nessa área a responsabilidade não apenas de uma formação inicial, mas também contínua, pois muitos professores formados em áreas afins assumiram a responsabilidade dessas aulas como forma de suprir a temporária carência de profissionais formados em filosofia. Dessa forma, tanto os futuros professores de Filosofia, ainda em formação nos cursos de licenciatura, quanto os professores formados, que já estavam em sala de aula, necessitariam de uma formação que os capacitasse e atualizasse para a urgente tarefa de compatibilizar o ensino de Filosofia para a realidade da educação básica.

Essa tarefa fundamental é assumida pelo Curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA que, enquanto instituição pública, prioriza ações que tenham como foco a formação desses profissionais e a produção de metodologias e tecnologias para o ensino da Filosofia – o que envolve os campos da Metafísica, da Lógica e Epistemologia, da Ética e Política e da Estética –, discutindo de maneira crítica ações de caráter interdisciplinar para formação de professores. Tal importância não se deve apenas pela existência de uma legislação específica, mas também pela necessidade de se construir, já no espaço acadêmico, uma *pedagogia da pergunta* (cf. FREIRE, FAUNDEZ, 1985) que capacite para a pesquisa e criticidade, desconstruindo estereótipos históricos em torno da atividade filosófica e artística, consideradas por todos de suma importância, mas ainda pouco problematizadas em suas necessidades didáticas e curriculares.

Nesse sentido, destacamos a realização do Projeto de Pesquisa “O Despertar da Filosofia: Sobre o desenvolvimento de recursos didáticos para o ensino de filosofia em nível médio”, vinculado ao Curso de Filosofia da UVA e contemplado com bolsas de

iniciação científica da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP (2014-2015), além do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID/UVA, e do Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores – LIFE/UVA, ambos vinculados a Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal do Ensino Superior – CAPES, que surgem como ações de visível pertinência, pois se tratam de atividades acadêmicas voltadas para a formação contextualizada de professores, que necessariamente não deve excluir de sua proposta curricular as dimensões artística, religiosa, cultural e social do Nordeste brasileiro, precisamente da região norte cearense, na qual realizam suas ações.

Dessa forma, a universidade possui um papel transformador, visto que para formação de um educador ético e crítico, um passo importante é a existência de cursos de formação de professores conscientes dessa necessidade acadêmica, política e pedagógica. Esse projeto de extensão nasceu justamente com a pretensão de contribuir nesse processo, pois além de atuar de maneira prioritária com a formação continuada de professores que já estão em sala de aula, se constituirá com espaço formativo e reflexivo dos acadêmicos do Curso de Filosofia e de outras licenciaturas de nossa universidade (Pedagogia, Letras, História, Geografia, Sociologia, dentre outras).

Uma das questões enfrentadas na formação de professores é a de estabelecer quais são as metodologias e tecnologias didáticas, válidas, exequíveis e necessárias para a prática docente. Pois a profissão de professor acarreta responsabilidades. O que faz com que os membros da sociedade sintam-se livres para cobrar dos professores certas obrigações que sua carreira exige. Por isso, de um tempo para cá, começou-se a pensar em fornecer condições reais para a efetividade do trabalho docente. Propôs-se uma série de cursos, treinamentos e a produção de materiais dedicados exclusivamente a fornecer aos futuros e atuais docentes, ferramentas e informações que os auxiliassem nessa difícil tarefa de formar os membros da sociedade. Assim, urge desenvolver materiais didáticos contextualizados e atualizados para que àqueles que pretendem exercer o trabalho docente sejam dotados de instrumentos e recursos úteis à efetivação dos objetivos da educação.

Tais materiais didáticos deveriam proporcionar aos professores, e aos alunos, instrumentos e recursos que desenvolvessem e instigasse a *atitude crítica* em sala de aula. Mas o que configuraria essa *atitude crítica*? Permitam-nos um breve excuroso.

3. Atitude crítica e Educação: uma (re)descoberta necessária

Comumente as pessoas afirmam que só aceitam críticas se essas forem “positivas”, ou seja, “produtivas”, ao invés de críticas “negativas”, mas no discurso científico tal postura é, no mínimo, despropositada. Não existe uma *crítica positiva* e outra *negativa* na ciência, e sim a *atitude crítica enquanto tal*, que serve de base a todo saber que se queria científico. Mas, o que caracteriza tal atitude e porque é tão importante? Para entendermos sua importância, busquemos primeiramente compreender seu significado observando a definição fornecida ao termo *crítica* por Chauí:

Palavra proveniente do grego; possui três sentidos principais: 1) “capacidade de julgar, discernir e decidir corretamente”; 2) “exame racional de todas as coisas sem preconceito e sem prejulgamento”; 3) “atividade de examinar e avaliar detalhadamente uma idéia, um valor, um costume, um comportamento, uma obra artística ou científica”. (CHAUÍ, 2008)

Assim, tal atitude é importante porque nos permite uma apreensão conceitual e contextual dos elementos envolvidos naquilo a que se pretende estudar. Quando nos perguntamos pelo *conceito* das coisas, estamos na verdade fazendo uma pergunta pelo *sentido* das coisas, e não apenas por uma mera definição das mesmas. O saber só pode ocorrer no apreender do processo de como algo veio a ser e continua a ser, pois somente assim podemos vislumbrá-lo, e assim expressá-lo através de um discurso racionalmente compreensível e justificável, características irrenunciáveis de quem pretende ensinar e aprender.

A *atitude crítica*, que visa apreender os conceitos envolvidos no discurso que nos propomos erigir, é uma condição sem a qual não podemos nos dizer autorizados a educar outrem. Ao pensar nisso, lembramos daqueles que aceitam ou rejeitam alguma coisa mesmo sem saber do que realmente estão dando seu parecer. Tal procedimento *acrítico* acaba por nos desautorizar pelo risco que corremos de distorcer ou mesmo de ocultar o saber que desejamos transmitir. Assim, assumir uma *atitude crítica*, ou melhor, analisar sem preconceitos ou prejuízos algo, é um passo vital a dar para que a educação aconteça em sala de aula.

A proposta de um material didático para os ensinos de Filosofia e Arte deve estar em consonância com a efetivação dos ideais da educação enquanto tal. Mas, o que é educação? Ao perguntarmos por algo que parece dado, logo, que está fora de discussão para maioria das pessoas, assumimos uma *atitude crítica*, pois assim não aceitamos, de antemão, um discurso sem antes saber o motivo de ser assim, desde quando é assim, e por que não pode ser de outra maneira, ou seja, vislumbramos os



fundamentos de um discurso. Se nos basearmos na etimologia da palavra “Educação” veremos que:

A palavra educação tem sua origem nos verbos latinos *educāre* (alimentar, criar), significando “*algo que se dá a alguém*”, com o sentido de “algo externo que se acrescenta ao indivíduo, procurando dar-lhe condições para o seu desenvolvimento”, e *educere*, com a idéia de “*conduzir para fora, fazer sair, tirar de*”, que “sugere a liberação de forças que estão latentes e que dependem de estimulação para virem à tona” (OLIVEIRA, 2006).

Com essa base etimológica, podemos estabelecer a educação como um processo composto por três momentos: *Alimentar, Conduzir e Criar*. *Alimentar* porque é um processo de suprir as novas gerações com conhecimentos e valores sócio-culturais, fornecendo-lhes os elementos necessários a seu bom desenvolvimento físico, intelectual e moral. *Conduzir* porque é um processo de *acompanhamento contínuo* dos avanços e retrocessos do desenvolvimento do educando, no qual os mais experientes, por já terem trilhado o caminho do saber e tendo-o por referência, guiam o educando no processo. *Criar* porque é um processo de fornecer aos educandos possibilidades para que possam, por seu próprio pensar e por suas próprias escolhas, criar seus próprios processos de participação e decisão nos assuntos que afetam suas vidas. Por isso, a proposta de um material didático para o ensino de Filosofia vai muito além de uma coletânea de conteúdos históricos e técnicos, pois o ato de educar é consequência de um processo de acúmulo de vivências e saberes que proporcionam condições de leitura do mundo, além de saberes construídos na experiência cotidiana da trajetória pessoal de vida social e cultural.

Notemos que todas essas conclusões brotaram de nossa atitude crítica de questionar o “óbvio”: a partir do questionar *o que é educação?* nos forçamos a buscar uma resposta. Tal procedimento descende do personagem Sócrates dos diálogos de Platão, que ao afirmar “Eu só sei que nada sei”, pôs a pergunta, e não a resposta, como a força motriz do saber. Quem pergunta, quer saber. Encontramos essa atitude em um dos maiores educadores do século XX, o educador brasileiro Paulo Freire, que juntamente com Antonio Faundez, cobrou de educadores e educandos, em seu livro-diálogo *Por uma pedagogia da pergunta*, essa atitude, à qual reproduzimos na fala de Faundez:

No ensino esqueceram-se das perguntas, tanto o professor como o aluno esqueceram-nas, e no meu entender todo conhecimento começa pela pergunta. Começa pelo que você, Paulo, chama de curiosidade. Mas a curiosidade é uma pergunta! (FREIRE; FAUNDEZ, 1985).

E será essa a nossa *metodologia especial* no decorrer do projeto de extensão, a *curiosidade epistemológica*, como afirma Freire (1996). Seremos guiados por uma *pedagogia da pergunta*.

4. Metodologia do Projeto de Extensão "O Pensamento em Devir: a filosofia no cinema"

O Projeto de Extensão ocorre desde de Julho de 2012 e prosseguirá até Julho de 2016, sendo executado a partir de 04 (quatro) ações: (1) Pesquisa de cunho bibliográfico para fundamentação teórica sobre o uso de recursos didáticos no ensino de Filosofia; (2) Análise, seleção e catalogação de material a ser convertido em recursos didáticos pela equipe do projeto; (3) A produção do material didático para apoio a aulas de Filosofia e de Artes na educação básica, e por fim, (4) Publicidade dos resultados através de cursos de extensão voltados para os professores da rede pública, publicação e distribuição do material produzido.

5. A relação ensino-pesquisa-extensão

As atividades de ensino se deram em consonância com a pesquisa e a extensão, tendo em vista que os participantes são alunos e profissionais da educação que estão construindo conhecimento a partir da realidade e para intervenção na sua realidade local e regional.

A produção de material didático para a diversidade não pode ser realizada sem as atividades de pesquisa, tendo em vista a necessidade de verificar os materiais existentes no espaço educacional e perceber o alcance dos mesmos na realização do ensino-aprendizagem; além, é claro, de observar até que ponto as temáticas abordadas por essas ferramentas contribuem para a educação baseada na diversidade, visualizada em seu contexto em diversos níveis.

Constatada a realidade na qual estão envolvidos e detectados os problemas com relação ao material à disposição, e sua possível dissonância com a realidade e a diversidade apresentada, o profissional da educação pode fazer proposições e adequações na construção do material ao avaliá-lo a partir de sua prática docente, analisando as temáticas e diagnosticando as mais pertinentes à sua realidade.

O material a ser construído será fruto da articulação entre ensino e pesquisa, pois objetiva ser produto e produtor da realidade. Posto que é da atuação (do professor e outros profissionais da educação) no meio educacional que surgiu a proposta desenvolvida, temos o intuito de construir um recurso educativo mais diverso e plural.

Nesse sentido, utilizamos a dialogicidade como uma das linhas de condução do projeto e do material produzido. Diálogo esse que se faz presente tanto entre os beneficiados e a equipe do projeto, quanto em relação as demais pessoas com quem se lida no universo educacional, com vistas na construção do material envolvendo as pessoas que vivenciam a realidade em observação e análise. O material é compreendido como constructo a partir da e para a realidade de pessoas diversas que vivem em sociedade, visando à interação entre o conhecimento científico produzido na universidade e a interface com a comunidade.

6. Sobre o material didático proposto pelo projeto

Nessa perspectiva, o programa de extensão “O pensamento em devir: a filosofia no cinema” busca produzir conhecimento sobre as potencialidades didáticas oriundas desse intercâmbio entre Filosofia e Cinema nas aulas da Educação Básica e em outros espaços/instituições em que a arte e a atividade filosófica tenham oportunidade de se efetivar. Não objetivamos realizar uma mostra de filmes, ou uma atividade de exposição de curtas e documentários seguida de debates filosóficos, mas a produção de um material didático através da extração pontual e análise de cenas e roteiros de filmes que contribuam com a exposição realizada pelos professores de Filosofia em suas aulas.

Propomos, assim, a produção de uma série de materiais que venham servir como um recurso didático, no qual o professor poderá apresentar em um momento de sua exposição uma questão ou teoria filosófica ou artística aos alunos, como forma de auxiliá-los a adentrar o tema proposto pela aula.

Assim, visando a produção de materiais didáticos para o ensino de filosofia, as ações do projeto englobam a produção de quatro cadernos didáticos, a saber: 1) Introdução à Filosofia e Metafísica, 2) Lógica e Epistemologia, 3) Ética e Política e 4) Estética e Filosofia da Arte. Cada uma dessas quatro linhas desenvolverá ações de pesquisa, produção e transmissão de materiais didáticos aos professores de Filosofia cadastrados na ação de extensão via PROEX/UVA. A culminância dessas ações, além da própria produção do material didático, é a sua disseminação através de cursos de extensão em Metodologias e Tecnologias para o Ensino de Filosofia, a serem ofertados de forma gratuita aos professores participantes do programa de extensão em um momento posterior a produção do material.

A avaliação pelo público alvo do programa de extensão – alunos e professores da rede pública de ensino – se constitui em processo contínuo e sistemático, operacionalizado de forma a avaliar o programa em suas ações, assim como avaliar o desempenho dos membros da equipe de execução, tomando as atribuições destes últimos como critérios para a avaliação a partir de resposta a questionários, redação de depoimentos em fichas específicas ou em gravação de áudio e/ou vídeo, logo após as ações de extensão das quais participem.

Essa ação impõe uma constante autoavaliação da equipe de execução, constituindo-se em elemento fundamental para as inovações pedagógicas e consecução dos objetivos do programa de extensão. Implica uma reflexão crítica devido à tomada de consciência que se opera em um diálogo interno, alimentado pela linguagem do outro que implica oportunidade para exercer a autorregulação. Dessa forma potencializa a capacidade do membro da equipe gerir seus progressos e transpor obstáculos, rompendo com os limites que impedem o aperfeiçoamento de sua prática pedagógica. Aspectos do processo ensino-aprendizagem tais como desempenho em relação à capacitação e habilidade profissional, assiduidade, pontualidade, relações humanas, oratória, cumprimento do cronograma, produção dos recursos e materiais didáticos, carga horária alocada para teoria, laboratório, exercícios, visitas técnicas, seminários, entre outros servirão de base para a avaliação e autoavaliação do projeto e do material produzido, com periodicidade mensal, através de instrumentos específicos. Por parte dos alunos envolvidos a avaliação ocorre através de relatórios mensais das atividades de extensão realizadas, fichas de avaliação preenchidas pelo coordenador da ação em questão. Por parte dos professores membros da equipe executora ocorre através de relatório específico das ações realizadas e pela produção de material didático, oriundo da ação de extensão. A análise e discussão desses instrumentos de avaliação dar-se em reuniões mensais da equipe executora.

7. Conclusão: O estímulo de vivências como finalidade

Sendo o trabalho docente a prática de um determinado sujeito – o educador – de buscar uma transformação através de uma interação com outro sujeito – o educando –, na qual ocorre a produção de saberes, a produção de material didático não pode centrar em um único lado dessa relação. Para Terrién (2010), o trabalho docente é um processo

educativo de instrução e formação humana, através da mediação e da interação entre professor e alunos, a partir do conteúdo de ensino em direção à construção de uma sociabilidade verdadeiramente humana. Eis uma condição inalienável para produção de um material didático, a construção da sociabilidade.

Assim, como afirmamos acima, o material didático deve estar fundado em um tripé: *alimentar, conduzir e criar*. O professor ensina conteúdos, e ao mesmo tempo alimenta, conduz e conscientiza o educando. Mas, para que isso se efetive, devemos proporcionar ao professor condições materiais e didáticas que o auxiliem na formulação de novas formas de transmissão da Filosofia e da Arte, pois as aulas devem preconizar a capacidade do educando de propor perguntas, e buscar respostas, exercitando também sua formação autônoma. Da mesma forma, devemos proporcionar ao professor metodologias e tecnologias do ensino que unifiquem discurso e ação, pois uma educação pela ação vale muito mais que uma educação baseada somente nas palavras, não é verdade?

No final do processo educativo as lembranças mais fortes são as dos momentos vividos, e não as das palavras lidas. A melhor forma de ensinar, portanto, é estimular reflexões e vivências. Mais do que os discursos, são a prática, o exemplo, a convivência e a reflexão, em momentos de interação entre teoria e prática, que farão com que os educandos desenvolvam essa *atitude crítica*.

Referências Bibliográficas

CHAUÍ, M. *Filosofia*. São Paulo: Ática, 2008.

FREIRE, P. *Política e educação*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Educação e mudança*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. ; FAUNDEZ, A. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

OLIVEIRA, I. A. *Filosofia da educação: reflexões e debates*. Petrópolis: Vozes, 2006.

TERRIEN, J. Da epistemologia da prática a gestão dos saberes no trabalho docente: convergências e tensões nas pesquisas. In: DALBEN, A. I. L. F.; ET. AL. (Orgs.).

Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. Belo Horizonte: Autêntica, p.307-323, 2010.